

Conexão Biblioteca

Boletim Informativo do Sistema de Bibliotecas da UFMG | Ano 7 . Nº 21 | Março . Abril de 2018

PALAVRA DE MULHER TEM FORÇA. LEIA MULHERES

Mulheres silenciadas
Página 02

Sistema de Bibliotecas
na visão delas
Página 03

Estrelas além do tempo
Página 06

Mulher na ciência e na política
Página 08



Sistema de
Bibliotecas
UFMG

O holofote deste Conexão Biblioteca é para aquelas que, por muito tempo, ficaram escondidas, e que ainda lutam por respeito e reconhecimento na gestão, na literatura, na ciência, na política...

Na página 02, a estudante Lívia Araújo mostra que a angústia das mulheres submetidas a uma sociedade que as violenta e silencia – contexto retratado no livro “O conto da aia”, publicado há 33 anos por Margaret Atwood – ainda causa indignação por prever realidades cruéis vivenciadas até hoje.

Foi justamente a necessidade de se rebelar contra as situações que causam essa angústia e impotência que motivou a nigeriana Chimamanda Ngozi a publicar “Sejamos todos feministas”, de onde destacamos um trecho para a editoria “Dose de Literatura”, na página 03. Ainda nessa página, as novas gestoras da Biblioteca Universitária mostram que, assim como outras mulheres que lideraram o Sistema de Bibliotecas, elas querem deixar contribuições marcantes para o desenvolvimento das bibliotecas.

A matéria de capa mostra o que um almanaque do século 19 e clubes de leitura do século 21 têm em comum. Já damos a dica no título: “Palavra de mulher tem força. Leia Mulheres”. Na página 8, Áurea Carolina traz reflexões sobre sua experiência enquanto mulher negra dentro da UFMG e sobre a importância da pesquisa engajada e da leitura para a superação das contradições socioculturais.

E tem mais novidades neste Conexão: uma viagem pelas 25 unidades do Sistema de Bibliotecas na companhia de X-25, na página 6 do informativo. Tem, ainda, a programação de um projeto que acabou de sair do forno: “Filmes, livros e bibliotecas”. Confira!

Carla Pedrosa
Jornalista da Biblioteca
Universitária

A VOZ DE UMA MULHER SILENCIADA



DICA:
THE HANDMAID'S TALE
(O CONTO DA AIA)

AUTORA:
MARGARET ATWOOD



Lívia Campolina
Publicidade e Propaganda

A atualidade da obra de Atwood é o que mais me admirou. Publicado em 1985 e ambientado em um contexto distópico, o romance se comunica fortemente com o presente. Por mais que certas coisas mereçam pertencer ao passado.

A história também é um pouco de História, pois a autora coleta referências a costumes, culturas e acontecimentos reais para cada detalhe do romance. E isso é evidente, quando reconhecemos na fala de um general teocrático o que já ouvimos tantas vezes em casa, no ônibus ou no trabalho.

Trata-se da narrativa de uma aia. Escravizada em nome da reprodução. Um receptáculo para a continuação da espécie. Serva de um deus que coloca o mundo nas mãos dos homens. Parece familiar?

As Aias são uma classe de mulheres, em meio a Marthas (serviçais), Esposas, Econoesposas, Tias e, ironicamente, as Não-mulheres. Os Estados Unidos agora é Gilead, um país governado por extremistas religiosos.

Mulheres não possuem direitos políticos. A elas é vedada a mais simples leitura. Ainda assim, é a voz da aia que nos guia pelo retrato desse tempo. São seus anseios, divagações e sofrimentos que enveredam o leitor por esta viagem. Ser mulher em Gilead é angustiante para o leitor. Para a leitora, é um tanto mais pessoal.

Na mente dessa mulher vivemos a impotência, a frustração, a indignação, a luta. A esperança. Ao fechar o livro, vivemos um pouco mais disso tudo.

Esse é o seu espaço!
Compartilhe uma sugestão de leitura
enviando um e-mail para:
comunicacao@bu.ufmg.br

O SISTEMA DE BIBLIOTECAS NA VISÃO DELAS

A diretora eleita do Sistema de Bibliotecas, Kátia Pacheco, e a vice-diretora, Sindier Alves, falam sobre o papel delas e de outras mulheres na gestão do Sistema de Bibliotecas

Uma história marcada pela presença feminina

Na história do Sistema de Bibliotecas, há muitas mulheres marcantes. Marília Júnia Gardini, por exemplo, liderou o projeto de construção da Biblioteca Central na década de 1980, com uma visão de vanguarda sobre o papel da Biblioteca Universitária dentro da UFMG. Outra gestora, Maria Helena Sá Barreto, concluiu, na década de 1990, a automação das bibliotecas. Esses são alguns exemplos de mulheres de personalidade forte que ajudaram a construir, assim como tantas outras, um Sistema de Bibliotecas respeitado até hoje no cenário nacional. Na nossa gestão, também queremos deixar contribuições marcantes, reforçando a importância do empoderamento feminino para o desenvolvimento das bibliotecas.



Da esq. para dir.: Kátia Lúcia Pacheco (diretora) e Sindier Alves (vice-diretora)

CURIOSIDADE. Das 17 pessoas que lideraram o Sistema de Bibliotecas, 15 são mulheres. Os nomes e períodos de gestão de cada uma estão disponíveis no site www.bu.ufmg.br

Projetos das novas gestoras

Fortaleceremos a união das bibliotecas, por meio de grupos de trabalho, eventos, cursos e encontros que estimulem o aperfeiçoamento dos profissionais. E para melhor atender os usuários, criaremos um grupo de referência que atualizará os manuais – de normalização e guia do usuário –, e definirá políticas

do serviço de referência que possam ser aplicadas em todas as bibliotecas, estimulando a capacitação dos usuários para uso de recursos e fontes informacionais. A ideia é uniformizar, por exemplo, o treinamento aos calouros, por meio de um vídeo sobre os principais serviços oferecidos e como utilizá-los. Também incentivaremos mais ações culturais dentro das bibliotecas, como exposições, palestras, lançamento de livros e outras atividades que atraiam os usuários, mostrando que as bibliotecas oferecem muito mais do que empréstimo, renovação e reserva de livros.

•Dose de Literatura

“Certa vez uma amiga minha disse que se sentiu menosprezada por sua chefe, que havia ignorado seus comentários e elogiara um dos homens que havia emitido uma opinião parecida com a dela. Ela queria se posicionar e enfrentar a chefe, mas ficou quieta (...) não disse o que pensava para não parecer agressiva. (...) O que me impressiona é o quanto essas mulheres investem em ser ‘queridas’, como foram criadas para acreditar que ser benquista é muito importante. E isso não inclui demonstrar raiva ou ser agressiva, tampouco discordar. Perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os meninos pensam delas. Mas o oposto não acontece. Não ensinamos os meninos a se preocupar em ser ‘benquistos’”.

“Sejamos todos feministas” - Chimamanda Ngozi



Camila Pawlowski

PALAVRA DE MULHER TEM FORÇA. LEIA MULHERES

Não é de hoje que as mulheres tentam ampliar seus espaços de atuação no campo literário. Um almanaque datado do século 19 já trazia, em seu cerne, um projeto político visando à promoção das práticas de leitura e escrita entre as mulheres. Voltado principalmente para o acesso à grande literatura e para o combate a certos textos e temas como moda, beleza e utilidades domésticas, o **“Almanach das Senhoras”** era dirigido exclusivamente por mulheres e circulou durante quase sessenta anos em Portugal, de 1871 a 1927. Contava com a colaboração de escritoras portuguesas, brasileiras e espanholas, fornecendo espaço para exporem seus trabalhos literários e se engajarem nas causas feministas da época.

Ainda no século 19, nos Estados Unidos, um grupo de mulheres jornalistas, após impedido de participar de um evento literário por causa do gênero, fundou o “Sorosis”, clube de mulheres voltado para estudos e leituras de obras escritas por mulheres. Essa iniciativa inspirou a multiplicação das associações femininas naquele país.

E no século 21, as disparidades na produção literária e na leitura de obras escritas por mulheres ainda evidenciam a necessidade de se estimular iniciativas como essa. Pensando nisso, a escritora inglesa Joanna Walsh criou, em 2014, a campanha #ReadWomen (Leia Mulheres). O que era, no início, um desafio para ler apenas mulheres durante um ano, se tornou uma celebração da escrita das mulheres e um chamado para os revisores, os festivais e os prêmios de livros – que, predominantemente, favorecem os escritores masculinos – dirigirem olhares igualitários para as produções feitas por mulheres.

No Brasil, o “Leia Mulheres” se expandiu por vários estados e cidades, realizando encontros mensais para mostrar a diversidade de gêneros, personagens, tramas e contextos presentes nas obras escritas por mulheres. Na capital mineira não é diferente. “Por muito tempo a literatura escrita por mulheres foi categorizada como ‘literatura feminina’, não importando de qual gênero literário o livro se tratasse, mas a escrita das mulheres tem uma diversidade enorme. Elas escrevem todos os gêneros, sobre vários assuntos. Acredito que as mulheres têm diversificado mais. Os personagens criados pelos homens são, geralmente, homens de classe média, enquanto os das mulheres variam muito mais. Elas dão mais voz a outros personagens”, afirma Mariana Castro, uma das mediadoras do projeto em Belo Horizonte.

Desde 2015, o grupo realiza encontros mensais em BH. Para cada encontro é escolhido um tema diferente, sempre aberto a sugestões e votação. E além de incentivar a leitura de obras escritas por mulheres, visa também promover uma ação política junto ao mercado editorial. “Existem poucas mulheres sendo publicadas e, conseqüentemente, poucas mulheres sendo lidas. Então, temos uma ação política e um pouco mais pragmática, uma mensagem para os editores de que estamos lendo mulheres e de que é necessário publicar mais obras de mulheres para que tenham mais visibilidade.

A fundadora do “Almanach das Senhoras”, Guiomar Torrezão, trabalhou como tradutora, diretora e consultora de periódicos, poetisa, romancista e folhetinista. Também foi colaboradora do jornal “A voz feminina”, de 1868, apontado pela estudiosa portuguesa Maria Ivone Gomes como o primeiro jornal feminista da Europa.



A Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras da UFMG, no quarto andar da Biblioteca Central, possui edições do “Almanach das Senhoras” que podem ser consultadas mediante agendamento pelo telefone (31)3409-4615 ou pelo e-mail colesp@bu.ufmg.br

Queremos fazer do clube um espaço para conhecer autoras que recebem pouco espaço na mídia, no mercado editorial e nas livrarias. Buscamos, então, pesquisar para levar ao grupo essas possibilidades de sair do óbvio”, enfatiza Olívia Gutierrez, que também é mediadora do projeto em BH.

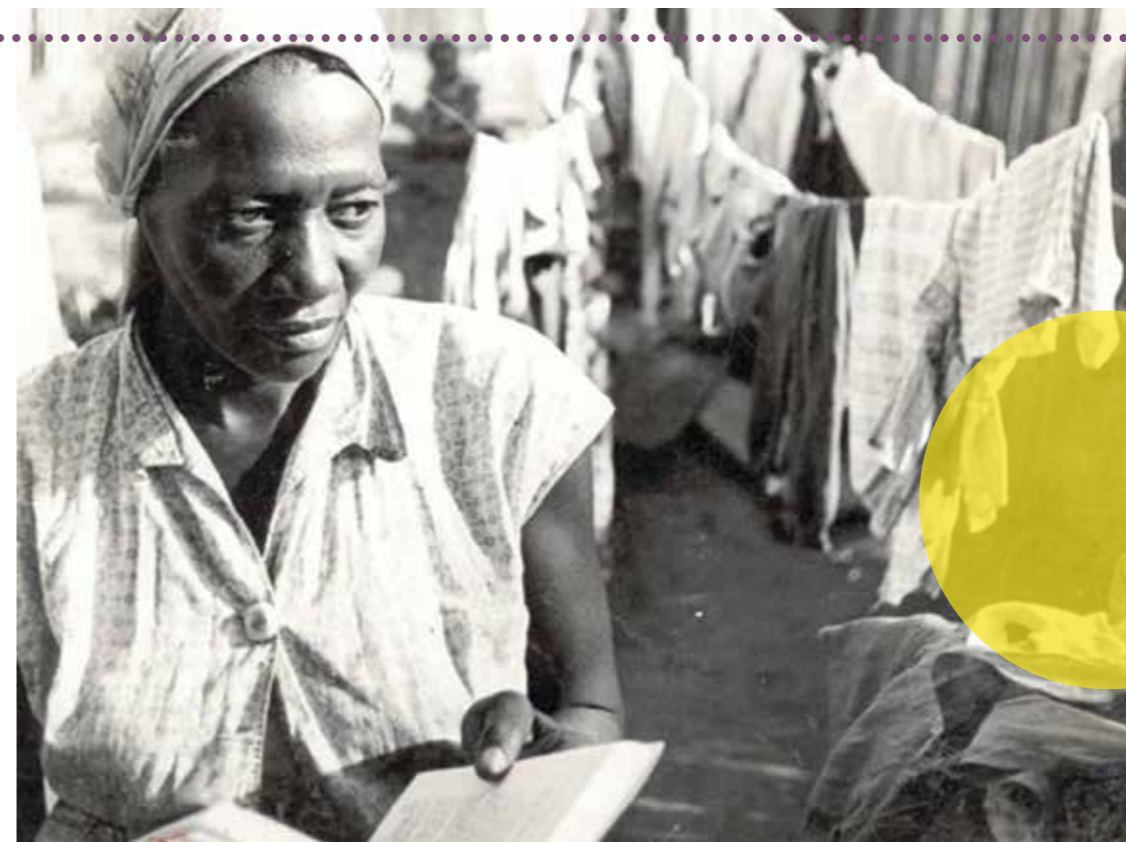
Iniciativa semelhante ao “Leia Mulheres”, o “Palavra de mulher – clube de leitura das mina” foi criado em julho de 2017 em Belo Horizonte, a partir de uma ideia compartilhada no grupo de Facebook das mulheres do curso de Comunicação Social da UFMG. “Muito inspirada pelo Cineclube Aranha, que acontece mensalmente no bairro Santa Tereza desde 2016, exibindo e discutindo filmes realizados por mulheres, eu lancei a ideia de criarmos o clube de leitura, e a recepção foi ótima desde o início. O “Palavra de Mulher” tomou corpo, então, colaborativamente: votamos juntas o nome, as diretrizes para a identidade visual, os dias, horários e locais dos encontros. Todos os livros são escolhidos a partir de

votação, presencial ou realizada pelo grupo no Facebook, que também está aberto a novas membras, sempre”, explica Camila Bahia, idealizadora do “Palavra de Mulher”.

Camila conta que na primeira reunião discutiram o livro **“Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada”**, da Carolina Maria de Jesus. “O encontro foi cheio, a gente se abarrotando em cadeiras, tamboretas e pelo chão, com pessoas que a gente não conhecia, unidas só pelo desejo de conversar sobre a obra-prima que é “Quarto de Despejo”. Filhas levaram suas mães e vice-versa. Amanda Pontes, uma das integrantes do clube, recitava trechos inteiros do livro, e eu sentia a experiência literária sendo dilatada, exatamente como sonhou o desejo que nos moveu à criação do “Palavra de mulher”. É um livro de cabeceira e foi muito forte a discussão sobre ele”, relembra.

Dois séculos se passaram do momento de criação do “Almanach das Senhoras”, em Portugal, à criação dos clubes de leitura “Leia Mulheres” e “Palavra de Mulher”. No entanto, a mensagem permanece: Palavra de mulher tem força. Leia Mulheres.

Na década de 1960, Carolina Maria de Jesus descrevia, em seu diário, o cotidiano triste e cruel da vida na comunidade do Canindé, em São Paulo, onde vivia com seus três filhos, sustentados pelo seu trabalho como catadora de papel. A linguagem simples e contundente do diário virou um livro comovente, marcado pelo realismo e sensibilidade do relato daquela que é considerada uma das mais importantes escritoras negras do Brasil.



Acervo UH - Folha Press

Carolina Maria de Jesus

Curta as páginas “Palavra de Mulher – clube de leitura das mina” e “Leia Mulheres – Belo Horizonte” no facebook para saber mais sobre os encontros e iniciativas desses projetos.

Estrelas Além do Tempo



Imagem de divulgação

Na época da corrida espacial - e ainda hoje -, a maioria dos ambientes de trabalho, sobretudo a NASA, era dominada por homens brancos. No entanto, não foram eles os cérebros por trás do lançamento em órbita de um astronauta norte-americano, e sim três brilhantes mulheres: Katherine Johnson, Dorothy Vaughn e Mary Jackson. E a jornada percorrida pelo trio de cientistas não foi nada fácil. Tiveram que ultrapassar várias barreiras e passar por humilhações, desde ter que percorrer quase 2 km para usar um banheiro destinado para negros, até ter que provar que eram capazes de realizar trabalhos intelectuais. “Toda vez que temos a chance de avançar, eles mudam a posição da linha de chegada”, afirmou uma delas. Mas com inteligência, determinação e altruísmo, as “estrelas além do tempo” ultrapassaram essa linha. Essa história real pode ser conferida tanto no livro *Hidden Figures* (Figuras escondidas), de Margot Lee Shetterly, quanto no filme “Estrelas além do tempo”, lançado em 2017.

Especial

Biblioteca Universitária exhibe filmes sobre a relação entre tempo, memória e lugar

A Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras exhibe, na primeira quarta-feira de cada mês, filmes de animação, curtas e documentários que tratam sobre livros e bibliotecas e envolvem as relações entre memória, lugar e tempo. As exposições fazem parte do projeto “Filmes, Livros & Bibliotecas” e acontecem das 10h às 11h30 no auditório do quarto andar da Biblioteca Central.

A estreia foi no dia 7 de março com o filme “Cicatrices de Sarajevo”. Dirigido por José Antonio Guardiola e premiado pela Unicef, o documentário retrata a destruição da Biblioteca Nacional de Sarajevo em 1992, durante a guerra na Bósnia.

“Além das exposições, proporcionamos um espaço para divulgar documentos da Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras que fomentam discussões acerca dos filmes apresentados”, explica Diná Araújo, coordenadora do projeto.

Após exibição de “Cicatrices de Sarajevo”, foi apresentado o Testamento de Martim Afonso e Dona Ana Pimentel. Datado de 1533, ele trata das disposições finais de um dos primeiros exploradores e capitães donatários do Brasil. O documento recebeu, no ano passado, o selo do Programa Memória do Mundo da Unesco, que foi criado como uma tentativa de evitar novos episódios como a destruição da Biblioteca de Sarajevo.



Imagem de divulgação

Calendário de exposições

7 de março - “CICATRIZES DE SARAJEVO”, José Antonio Guardiola.

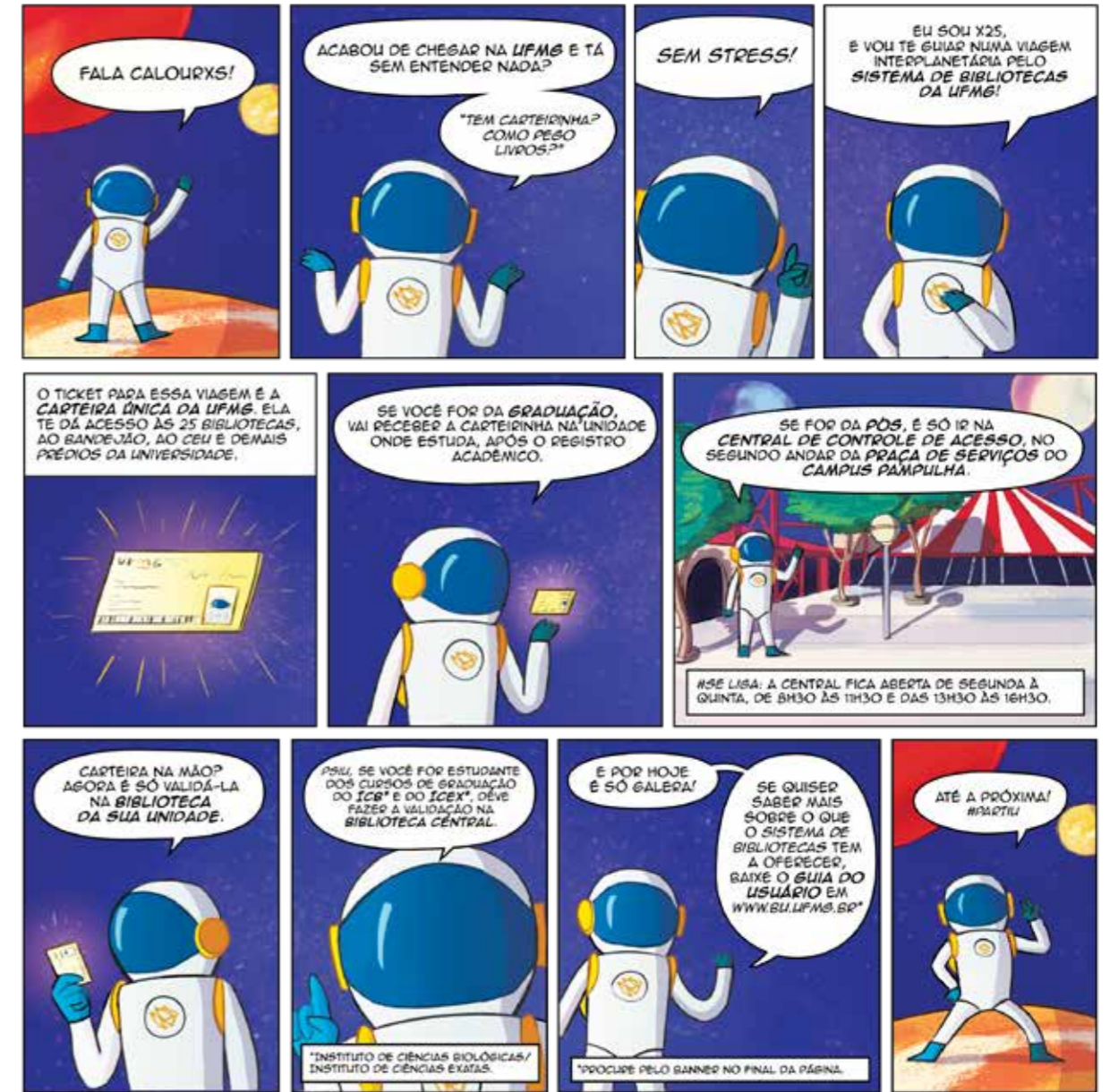
4 de abril - “O SEGREDO DE KELLS”, Tomm More e Nora Twomey.

2 de maio - “OS FANTÁSTICOS LIVROS VOADORES DO SR. MORRIS”, William Joyce e Brandon Oldenburg.

6 de junho - “A BIBLIOTECA”, Jason La Motte.

4 de julho - “TODA A MEMÓRIA DO MUNDO”, Alain Resnais.

Mais informações • (31) 3409-4615



Camila Pawlowski

Daora

Nem só de estantes de livros se faz uma biblioteca, quem dirá um sistema de bibliotecas com 25 unidades! **Partituras, cabines para assistir filmes, cds, dvds, vhs, jornais, obras raras dos séculos 16 ao 20, espaço de leitura, centro de apoio ao deficiente visual, exposições, treinamentos, palestras, visitas guiadas...** E não para por aí! São várias as possibilidades de interação e conhecimento. Entre em contato com a equipe da biblioteca da sua unidade e saiba como ter acesso a esses serviços.



Mulher na ciência e na política

Beto Staino



Cientista social e vereadora mais votada em Belo Horizonte nas eleições de 2016, Áurea Carolina reflete sobre sua experiência acadêmica na UFMG

Experiência enquanto mulher negra dentro da UFMG

Entender o que significava ser uma jovem, mulher negra de pele clara, de origem periférica que estudou quase sempre em escola pública – e o que isso acarretava pra mim como carga de algumas desvantagens – foi uma descoberta e um conflito de reconhecimento de quem eu sou. Esse conflito não se revela rapidamente na nossa cabeça, nas nossas emoções. Ele precisa ser politizado também. Foi à medida que eu participava de movimentos feministas, de jovens, da cultura hip hop, que eu circulava por alguns espaços da universidade, que eu conheci o programa de ações afirmativas, o observatório da juventude, que eu fui ligando os pontos. Então, esse me tornar essa pessoa dentro da universidade, uma mulher com todas essas características, foi também um processo de libertação e de emancipação.

Emancipação, engajamento político e pesquisa

Ao longo da minha graduação e mestrado, eu busquei correlacionar a minha experiência de luta em movimentos sociais com a formação na universidade. Estudei a inclusão das mulheres jovens nas políticas públicas, nos processos de participação popular do Brasil e eu também estava vivenciando esses processos em muitas experiências de juventude, de mulheres. Era o momento de estruturação de políticas nacionais de inclusão de grupos de mulheres, juventudes, igualdade racial, associado com a ampliação dos canais de participação social na construção dessas políticas – as conferências, os conselhos de direitos, entre outros. Isso tudo era muito incipiente, começava a se desenhar no Brasil, mas foi rapidamente desmantelado, infelizmente.

Produção crítica como forma de enfrentar o desmantelamento político

Creio que podemos enfrentar o estado atual de desmantelamento político por meio de uma produção crítica de conhecimento que, pra ser realmente crítica, precisa ser enraizada na experiência política. As lutas sociais não surgem de uma abstração, e sim de necessidades concretas, de sofrimentos, injustiças e da contestação que os grupos sociais fazem contra esse estado de coisas. A tarefa da produção crítica seria, então, conjugar o repertório que está à disposição no meio acadêmico pra lançar luzes sobre os problemas do nosso tempo, pra superar as contradições e injustiças e entender como elas se estendem durante todo o nosso processo social.

A leitura como forma de superar as contradições socioculturais

Leitura tem a ver com transcendência dos padrões de comportamento que vão formando a gente e nos tornando ensimesmados. A pobreza cultural, afetiva, simbólica se dá quando não temos acesso a essas outras perspectivas proporcionadas pela leitura. Ler traz uma possibilidade de entender a realidade, de se livrar das amarras esperadas pra gente e de criar outras condições de existir no mundo. Quanto mais pessoas diversas escrevem sobre suas histórias e sobre como elas imaginam estórias, mais cresce essa força criativa indomável; uma forma de resistência e de desocultar o mundo, de revelar no mundo as várias formas de existir.

Áurea Carolina recebeu o título de mestre pela UFMG em 2015 com a dissertação “Ampliando os limites do Estado – conflito e cooperação entre agentes estatais e da sociedade civil na luta por inclusão das mulheres jovens na agenda governamental”. O trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais na UFMG já trazia o cerne desse tema: “Mulheres jovens e o problema da inclusão – uma análise textual do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres”.

Expediente

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais – Biblioteca Universitária – **Diretora**• Anália Gandini Pontelo – **Projeto Gráfico**• Anna Luisa Cunha – **Diagramação**• Rita Davis – **Editora**• Carla Pedrosa (Reg. Prof. 0015822MG) – **Coordenador de Design**• Marcelo de Carvalho Borges – **Bolsistas**• Camila Pawlowski e Rita Davis – **Impressão**• Imprensa Universitária – **Tiragem**• 4000 exemplares – Circulação bimestral – **Endereço**• Biblioteca Universitária – Assessoria de Comunicação Social: Av. Antônio Carlos, 6.627 / sala 212 – 2º andar, Campus Pampulha, CEP 31.270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Telefone**• (31) 3409-5521 – **Internet**• www.bu.ufmg.br e comunicacao@bu.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

UFMG

IMPRESSO